

I. APRESENTAÇÃO DA ALDEIA

LAPA DOS DINHEIROS é a aldeia onde eu nasci. Ali fui crescendo e ali deixei as minhas memórias mais belas, aquelas que me trazem mais saudade e me causam mais nostalgia. É uma aldeia cuja História nunca ninguém escreveu. Ouvem-se contar passagens interessantes ou engraçadas e existem lendas explicativas daquilo que não se sabe explicar, mas pouco mais há, de concreto, para poder traçar as linhas históricas desta pequena aldeia. Não sou eu que vou fazê-lo. Atrevo-me apenas a partilhar convosco algumas das minhas memórias e das memórias das pessoas mais idosas, com quem eu conversava quando vivia na Lapa dos Dinheiros, e decerto muitas das histórias que ouvi seriam reais ou pelo menos continham muitos factos verídicos. A partir daqui, talvez alguém se atreva a melhorar para escrever História. Ficarei bastante satisfeita se isso acontecer.



Figura 1 – Vista global da aldeia, do lado de Valezim.



Figura 2 – Grupo de catequese do início da década de 80 do século XX.

A aldeia da Lapa dos Dinheiros é uma das muitas que existem, espalhadas pelas encostas da Serra da Estrela. Fica situada na Beira Alta, pertence ao distrito da Guarda e ao concelho de Seia e integra, atualmente, a União de Freguesias de Seia, São Romão e Lapa dos Dinheiros, cujo primeiro e atual presidente é Paulo Pina, um senense com metade do seu coração na aldeia de Lapa dos Dinheiros por ter casado com uma jovem nascida na Lapa. É uma localidade muito pequena e cada vez menos povoada. As pessoas, que outrora enchiam as suas ruas, foram saindo para outros lugares e hoje a população residente é de aproximadamente 300 habitantes, cerca de metade das pessoas que havia em 1970¹.

É com pesar que vemos a nossa aldeia, como tantas outras, a caminhar gradualmente para a desertificação. Além de que a população residente está cada vez mais envelhecida, há cada vez menos jovens e cada vez menos crianças. Não me parece que alguma vez a aldeia se desertifique por completo, devido às suas características de proximidade relativamente à sede de concelho que é Seia e também devido à tranquilidade que oferece a quem ali habita. Há muita gente a escolher a Lapa dos Dinheiros como destino de férias, quer se trate de férias longas de quem já não tem responsabilidades com os empregos (refiro-me aos aposentados), quer se trate de gente em idade ativa que busca a serenidade deste ambiente campesino, apenas por um fim-de-semana.

¹ De acordo com a página da Junta de Freguesia, a população em 1970 era de 575 pessoas.



Figura 3 – Pôr-do-Sol sobre a parte antiga da Lapa dos Dinheiros.

É pena que tanta gente tenha tido necessidade de partir! Se regressassem à terra todos os lapenses que vivem em Portugal (já não conto os que saíram do país), aqueles que, tendo nascido na Lapa dos Dinheiros, atualmente vivem noutra ponta deste país com as suas famílias, a aldeia encher-se-ia de novo de animação e vida, como antigamente, havendo até um grande número de crianças para alegrar o ambiente, para manter a escola aberta e para dar de novo vida às ruas agora desertas e silenciosas.



Figura 4 – Nevão sobre a Tapada Barroca.

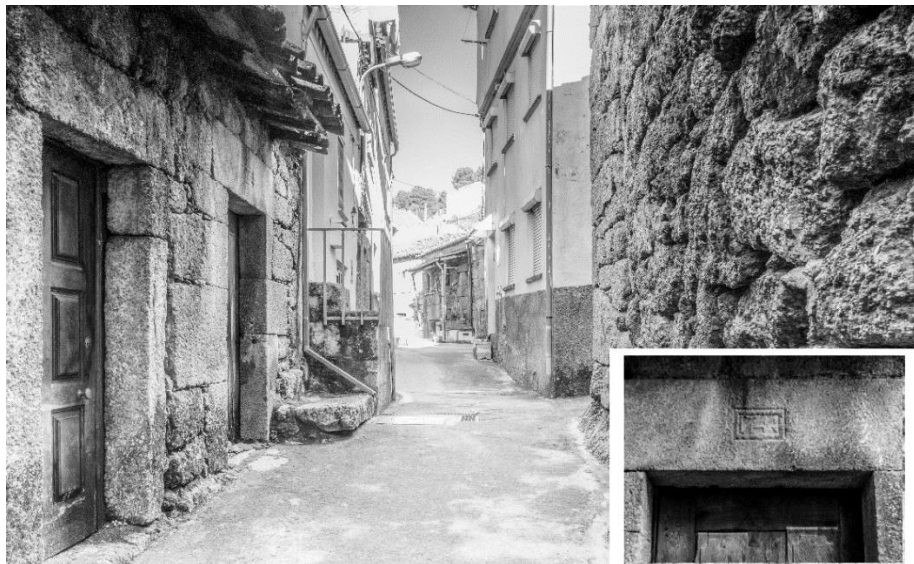


Figura 5 – Local da Rua do Rego onde está a data mais antiga. Pormenor da data de 1744.

No século XX, nas décadas de 60 e de 70, a população sofreu um enorme decréscimo devido à emigração para as ex-colónias e também para a França, Alemanha e outros países da Europa. Não me lembro da minha tia Teresa ter ido para a África, nem da tia Ana ter emigrado para a Argentina. Lembro-me, no entanto, muito bem, da tristeza vivida aquando da partida da minha tia Conceição para Angola, lembro-me dos abraços regados de lágrimas, dela com a minha mãe, pois são irmãs, e recordo também a dor que senti, alguns anos mais tarde, quando vi partir para França, no princípio da década de 70, as minhas companheiras de brincadeiras, as minhas primas que viviam ali ao meu lado e com quem eu e a minha irmã brincávamos diariamente.

Mas estas tristezas também trouxeram alegrias. Apesar de causar uma redução do número de pessoas na aldeia, estes fenómenos migratórios trouxeram também, como consequência, a melhoria das condições de vida dos que emigraram e dos que ficaram. Havendo mais dinheiro para os que emigraram, fizeram-se obras de melhoramento nas suas casas e apoiaram-se alguns familiares necessitados que não saíram da aldeia. Além disso, quem partiu apreendeu novas culturas que permitiram novas aprendizagens. A partilha dessas aprendizagens trouxe a modernização das pessoas e a Lapa foi-se atualizando em tudo. Eu até aprendi a amar a língua francesa porque passou a ser a língua das primas que eu perdera!

Outro acontecimento que reduziu a população da Lapa dos Dinheiros, e que melhorou o nível de vida, foi a saída de jovens para estudar no ensino superior. Isto aconteceu, principalmente, depois da última década do século XX até à

atualidade. Depois de concluírem os cursos, esses jovens não voltaram e alguns também saíram do país em virtude de Portugal não oferecer saídas de emprego nas suas áreas.



Figura 6 – Carvalha muito antiga, no adro da Capela da Nossa Senhora do Amparo.

Na minha infância, eram poucos os lapenses que tinham um curso completo, pois a vida económica não era fácil para que se pudessem deslocar, mas na geração abaixo dos quarenta anos, são poucos os que não têm formação superior e isso é enriquecedor para eles e para toda a aldeia. Nem toda a gente estudou e os que não estudaram têm valor igual, tendo conseguido sucesso nas suas profissões. Em muitos casos, ocupam lugares de destaque nos seus empregos, devido à sua enorme competência e à dedicação que imprimem ao trabalho que realizam.

Muitos dos que quiseram trabalhar, para organizar as suas vidas, precisaram de sair desta região porque os poucos empregos que havia, além de serem remunerados com salários mínimos, deixaram de existir. Refiro-me às empresas de lanifícios que havia na zona: em Seia, pertencentes à família Fernandes; e em São Romão, pertencentes à família Camelo, que foram os maiores empregadores da região ao longo das últimas décadas do século XX.

A parte da população que estudou e concluiu os seus cursos, bem como outros elementos que, não tendo concluído os cursos, têm no entanto muitas ha-

bilitações, não conseguindo exercer a profissão que escolheram perto da aldeia onde nasceram, foram obrigados a partir para lugares onde pudessem exercer as suas profissões e por lá fixaram as suas vidas, se bem que levaram a Lapa dos Dinheiros no coração e alimentam a saudade quando vêm de visita.



Figura 7 – Lapa dos Dinheiros e a Lagoa Comprida lá ao cimo.

Da História da Lapa dos Dinheiros, pouco se sabe mas há quem pense que esta aldeia se trata de um lugar com uma História não muito antiga, devido ao facto de, até hoje, as datas mais longínquas que se podem encontrar e que estão gravadas em rochas, não irem para lá do século XVIII. Encontraram-se, até hoje, muito poucas datas gravadas. Há uma na capela antiga e há também em algumas casas do Bairro do Cimo, gravadas na ombreira da porta principal.

Até agora, 1744 é a data mais antiga que se encontrou. Pode encontrar-se na Rua do Rego, gravada na pedra, na ombreira da porta de uma casa que outrora foi a residência da senhora Rosa do Alberto. Mesmo quem não pertence à Lapa, facilmente encontra a referida data. Ao entrar na Rua do Rego pelo lado da Rua do Regalão, a data fica do lado direito, num sítio onde a rua se cruza com uma travessa que vem da Capela antiga.

Tudo indica que esta localidade terá nascido do crescimento de aglomerados de pastores que se foram fixando por ali. Para mim, a falta de datas anteriores ao século XVIII não confirma, mas também não desmente, que a Lapa seja muito anterior a essas datas. A avaliar pela lenda do nome, tendo em conta as datas do reinado de D. Dinis, a Lapa já existia no século XIII e, como se diz que este rei

deu nome a um povo que já existia, é bem possível que a Lapa tenha uma História mais antiga do que aquilo que imaginamos.



Figura 8 – Um pastor e as suas ovelhas, na Lapa dos Dinheiros.

Sabemos, pelas escavações feitas no Buraco da Moura, que a Serra da Estrela, tem vestígios de existência de população nesta zona desde pelo menos a Idade do Ferro e do Bronze e isso aponta para uma data anterior a quatro mil anos.



Figura 9 – Proximidade da Lapa dos Dinheiros com o Céu.

Não se espera que os vestígios existentes na Gruta se refiram a marcas de gente que vivesse na Lapa, mas ajudam-nos a compreender que esta zona foi po-

voada desde muito cedo. Sabe-se que os vestígios encontrados no Buraco da Moura revelam, pela simplicidade e natureza do espólio descoberto, que quem por ali passou não era gente de grandes posses. No entanto, sabe-se das lendas que há tesouros enterrados, espalhados por aqueles terrenos que circundam as grutas. Consta-se até, que há quem já tenha encontrado alguns no século XX, mas não há certezas disso. Não sendo uma aldeia de tamanho grande, prima pela existência de belíssimas paisagens naturais, bem como pela possibilidade que nos dá de apreciar os vastíssimos horizontes, alcançados quando olhamos ao longe, em qualquer ponto da aldeia.



Figura 10 – Outono nos soitos que circundam o campo de futebol.

De localização privilegiada, a Lapa dos Dinheiros encontra-se debruçada no cimo da encosta de um monte, não tendo portanto ninguém a obstruir-lhe o horizonte. Por essa razão, da Lapa dos Dinheiros, consegue ter-se uma visão do “mundo” do melhor que pode existir e, à sua frente, o horizonte é tão longínquo quanto os olhos humanos o permitam. Quiçá, se não existisse ao longe a Serra do Caramulo a servir de obstáculo, talvez conseguíssemos dizer hiperbolicamente que seria possível dali ver o azul do mar no infinito.

Mas os olhos humanos não alcançam tanto, por isso, as pessoas absorvem a beleza daquela distância com avidez e optam por deleitar-se nas maravilhosas paisagens que a própria aldeia oferece. Neste momento, deveria descrever-vos a paisagem de sonho que torna a Lapa dos Dinheiros num paraíso sem par, mas esgotam-se-me as palavras. Gostaria de ser como Cesário Verde que, no seu poema “De tarde”, usa as palavras de uma forma tão harmoniosa que quase nos parece ver a paisagem que ele descreve. Ou então como Miguel Torga

que nos deixa encantados com a forma como dispõe as palavras no seu poema “Outono”, trazendo-nos ao olhar a realidade de uma esplendorosa paisagem de vinha vindimada.



Figura 11 – Banco no caminho do soito, numa paisagem de inverno.

Mas eu não sei usar as palavras com esse requinte, até porque as paisagens da Lapa dos Dinheiros têm uma beleza indescritível que varia de estação para estação e que não é fácil colocar em palavras. Quando nos dirigimos à Lapa dos Dinheiros, via São Romão, ao avistarmos a aldeia, na zona da Vista Alegre², apercebemo-nos da proximidade que existe entre a Terra e o Céu, neste lugar. Talvez seja por isso que a religiosidade das gentes da Lapa dos Dinheiros é tão forte. Ou talvez essa religiosidade se deva apenas à forte influência e ao magnífico exemplo do seu pastor, o senhor Padre Martinho. Apreciando a aldeia do lugar da Vista Alegre, com os olhos fixos na vertente do monte, saltam-nos à vista as casinhas brancas, realçando o vermelho dos telhados de telha Marselha e somos logo brindados com uma paisagem maioritariamente constituída por cas-

² Vista Alegre é o nome que se dá a uma curva situada no entroncamento da estrada nacional nº 231 com a estrada que vai para Vila Cova à Coelheira.

tanheiros e carvalhos negrais e alvarinhos que, sendo árvores de folha caduca, emprestam aos poetas um sem número de inspirações belíssimas, ao trocar periodicamente as cores da sua roupagem.



Figura 12 – Videiras com uvas maduras e espigas de milho a secar, no verão.

É no outono que esta paisagem de soitos mais me fascina. Nessa estação do ano, quando as macias castanhas, que se protegem dentro dos espinhos afiados dos ouriços, arriscam a queda porque já estão maduras, o bosque que existe entre a aldeia e a Ponte Jugais adquire umas cores de fogo-fátuo que vão do amarelo-vivo às várias tonalidades de vermelho e alaranjado, realçadas pelos restos de variadíssimos verdes que sobram do verão ou que permanecem nas árvores de folha persistente que pintalgam a paisagem. É este o cartão de visita para quem chega de São Romão e avista a Lapa dos Dinheiros num dia de outono. A paisagem, que até ali fora de pinhais, cujas carumas conservam um verde seco que não muda ao longo de todo o ano, subitamente altera-se, apresentando vastas áreas de cor amarelo-alaranjadas, banhadas de ondas de luz que fascinam o olhar em contrastes entre a alegria, da fartura trazida pelos frutos, com a tristeza do desaparecimento do calor, e também da partida das aves que espalhavam melodias pelo ar. Com sorte, se for no início da estação, ainda se veem tratores com cargas, roxas e lilases, de uvas suculentas que foram vindimadas por alegres ranchos de gente.

Nesta estação do ano, dentro da aldeia, pode sentir-se um adocicado cheiro a mosto³ em fermentação e suculentos aromas provenientes de peras e maçãs maduras. Avança o tempo nos meses da estação e o frio espreita; acendem-se fo-

³ Mosto é o vinho novo, acabado de fazer e ainda sem ser fermentado.

gueiras nos terrenos de cultivo para queimar folhagem e os ramos velhos. O fumo branco e leve, cheirando a ramos verdes ardidos, sobe em colunas que ondulam e se desfazem nas alturas, largando um perfume de saudade, só comparável ao estaladiço cheirinho das castanhas quentes, acabadas de assar.



Figura 13 – Aspeto da Rua dos Vereadores, no Outeiro, num nevão em 1992.

Se, ao visitar esta aldeia, tiver a sorte de apanhar um dia de neve, consegue deslumbrar-se com uma paisagem tão branca que lhe lembrará um bolo de noiva... Tudo é alvo e puro: as copas das árvores apresentam uma brancura alvinitente, igual à do chão que se transforma num tapete, macio e fofo, da neve acabada de cair. Atualmente, esta paisagem de neve acontece poucas vezes. Mas, lá para o cimo da aldeia, na zona mais alta, onde há casas, ainda é possível, com alguma frequência, sentir a leveza dos flocos que descem do céu em cachoeira como se se tratasse de suaves lançamentos de pétalas brancas, enchendo de felicidade um dia de casamento.

Forram-se de andorinhas negras os fios de eletricidade. É a hora da partida e estas aves, percebendo a importância da amizade e do espírito de grupo, aguardam tranquilamente que a comunidade toda se junte para depois partirem em revoada feliz, pontilhando o azul do céu com o negrume do voo, à procura do calor do Sul.

Mas, se a visita à Lapa dos Dinheiros for em qualquer outra estação do ano, a paisagem, embora diferente, não é menos divinal. Na primavera, por exemplo, vale a pena observar a enorme variedade de verdes que brilham nas medranças das folhas do bosque, enquanto aqui e ali, manchas brancas de cerejeiras em flor alegam o ambiente. Nesta estação, complementando os silêncios crepitantes de

ramos secos a estalar, escuta-se a limpidez da água que corre em riachos, por todo o lado, e o melodioso chilrear das aves que nidificam naqueles bosques densos e frescos. E, do outro lado da encosta, os terrenos verdejantes permitem o realce das flores cor-de-rosa dos pessegueiros e das cerejeiras vestidas de noiva.



Figura 14 – As duas margens do Rio Alva, na Estrada N. 231, na Ponte Jugais.

No verão, encontram-se diversas cores, entre as quais as manchas vermelhas das cerejas bravias que se realçam no meio dos verdes que as árvores entoam. Por todo o lado, há frutos que amadurecem e enchem o ar do aroma doce e succulento da fruta madura. Há maçãs e peras, há pêssegos e ameixas... Tanta fruta! Tanta fartura! Lembro-me tão bem de ir com os meus pais ao campo, no verão, e eles dizerem: Vai ver se encontras um cacho⁴ maduro... Já anda aí o pintor... E aquilo significava que as uvas já estavam a amadurecer. Esse mesmo pintor usava a paleta das cores na natureza com uma arte que ninguém conseguiu imitar. Era o mesmo pintor que coloria, de vários tons de verde, o despontar das árvores e que pincelava, de vários rosas, brancos e vermelhos os borbotos tenros das flores, na primavera, para se transformarem em frutos no verão.

Diferente de todos, é o encanto do inverno! A neve já não é o que era, mas eu recordo um nevão na minha infância em que a neve era tão alta que ultrapassou em muito a soleira da porta. Não é exagero dizer que tinha 40 centímetros de

⁴ Cacho é a palavra que se usa na Lapa para referir o cacho de uvas.

altura. Lembro-me do meu pai cavar um carreirinho⁵ para se poder andar e mandar-nos ir para dentro, quase sem experimentarmos a falsa maciez da neve branca. Foi o maior nevão de que me lembro.



Figura 15 – Entrada para a Lapa dos Dinheiros, no lugar a que se chama Ramal.

Tínhamos parado na Vista Alegre. Seguimos agora, descendo durante uma sequência de curvas e contracurvas até à Ponte Jugais onde se atravessa o Rio Alva, um afluente do Rio Mondego. O Mondego, o Alva e ainda o Zêzere são os três maiores rios que nascem na Serra da Estrela, sendo os dois últimos afluentes do primeiro. É no Rio Alva que desagua a Ribeira da Caniça, junto à Central da Ponte Jugais. Já na outra margem do Rio Alva, a estrada sobe ligeira até que, numa curva estrategicamente escolhida, um entroncamento abandona a Estrada Nacional nº 231 e dirige-se exclusivamente à Lapa dos Dinheiros. Dali, daquele lugar onde se deixa a estrada nacional, pode apreciar-se a inclinação e a altura a que se localiza a aldeia.

Inclinando a cabeça, como se fosse olhar o topo de uma árvore, podem ver-se, lá ao cimo, algumas casas, num lugar da aldeia chamado Romana e numa ponta do Bairro das Malhadas. É uma imagem única e fascinante que nos deixa perplexos, pois as casas estão lá tão altas, que os seus telhados vermelhos tocam no azul do céu. Na encosta íngreme, em descida abrupta, cheia de muros de terrenos em forma de escada, os socalcos, construídos outrora, permitiam que se pudessem cultivar os terrenos férteis que ali existem e que os antigos cultivavam com grande sacrifício. Por serem próximos das casas e por terem muita água, alguns destes terrenos ainda hoje são cultivados.

⁵ Carreiro é uma vereda, um caminho estreito onde só passa uma pessoa de cada vez.



Figura 16 – Socalcos cultivados, vistos de uma varanda do Bairro das Malhadas.

É o momento de começar a subir em direção à aldeia.

Uma ampla estrada, onde a sinalização branca do piso sobressai no escuro do asfalto ainda novo, convida-nos a continuar, tranquilamente, num troço de estrada mais estreita, até encontrar casas, um quilómetro depois. As casas, que se avistaram anteriormente, fazem parte do bairro que nos recebe ao chegar à aldeia: o Bairro das Malhadas, que é o mais recente e por isso o mais moderno. Foi para este bairro que a aldeia foi crescendo, nos últimos tempos. Ali, a grande maioria das casas foram construídas na segunda metade do século XX. Em muitas delas, foram usados capitais provenientes da emigração e foram sendo construídas, gradualmente, à medida das possibilidades dos donos, ao longo do último quartel do mesmo século XX. Talvez sejam essas as razões para que, de um modo geral, sejam maiores e mais separadas entre si (recordo que, no coração da Lapa, as casas encostam umas às outras de tal modo que, nas casas antigas, muitas vezes havia apenas uma parede para duas casas).

No Bairro das Malhadas, em alguns lugares, as varandas permitem vistas esplêndidas sobre os imensos socalcos de vegetação que se sucedem abaixo da aldeia até ao Rio Alva, que corre no longínquo fundo do vale, num leito pedre-

goso de ribeira, possível de atravessar em dias de menor caudal, serpenteando no contorno das encostas onde banha os terrenos de cultivo dos Mieiros e do Chão do Pardo, das Cilhas e dos Pisões⁶.



Figura 17 – Largo D. Dinis.

Quem sobe a estrada até ao interior da aldeia, apercebe-se de que a estrada termina ali. Destina-se apenas à Lapa dos Dinheiros e está alcatroada até ao Largo D. Dinis. Aí, o visitante, para obter um melhor conhecimento da terra, caminha tranquilamente por entre casas com paredes de granito e outras caiadas de branco e descobre o fascínio do silêncio de paz, aqui e ali interrompido pelo timbre cristalino da água que corre num ribeirinho e forma pequenas cascatas em diversos lugares, mesmo ali, próximo das calçadas da rua. Em dias de sol, podem encontrar-se idosos sentados no balcão⁷ das casas, aquecendo-se ao sol da tarde e matando o tempo com conversas, que lhes recordam o passado.

Faz outras descobertas quem entra no coração da aldeia. Por exemplo, caminhando a pé, verifica que as ruas onde passeia não têm grande inclinação, ao contrário do que se supõe. Além disso, são muito bem calcetadas, mesmo as ruelas estreitas, algumas das quais não transitáveis, cuja beleza provém não só

⁶ Mieiros, Chão do Pardo, Cilha e Pisão fazem da toponímia dos terrenos na zona mais baixa, mesmo nas margens do Rio Alva.

⁷ Balcão é o termo usado para referir as escadas das casas.

dessa pequenez, mas também do tipo de casas graníticas que se mantêm por ali e da paisagem natural que as envolve. Descobrem-se ainda as várias casas de pedra, restauradas com muita beleza, mantendo a fachada original, algumas delas tão pequeninas que se assemelham à casa dos sete anões da história tradicional infantil da Branca de Neve.



Figura 18 – Casa pequenina desabitada.

(Foi retirada a escada desta casa para permitir a passagem de carros).

Nascidas da recuperação de uma casa antiga e preparadas com muito requinte, encontram-se também as Casas da Lapa, no Bairro do Cimo e, subindo até à Coceladinha, avistam-se, mais à frente, no Bairro do Outeiro, as Casas do Souto, estas com uma vista de sonho, de onde se alcança uma vastidão de montes e montanhas, tendo como obstáculos, de um lado, a distante Serra do Caramulo e, do outro, o mais alto monte da região que fica na Serra do Açor: o Monte do Colcurinho. Na parte posterior, na região do Calvário, existe o melhor miradouro da aldeia: o lugar onde está um Monumento ao Sagrado Coração de Jesus. Nesse lugar aprazível, onde há água jorrando de dentro de uma rocha, é possível sentir a Terra perto do céu, num ambiente de paz e de serenidade, proveniente do silêncio campesino que impera no farfalhar ritmado das folhas, ao sabor das brisas, e no chilrear doce das aves, enquanto, ali ao lado, a imagem do Sagrado Coração de Jesus abre os seus braços em jeito de proteção a toda a aldeia, a todos os seus habitantes e a todos os que creem n'Ele.



Figura 19 – Moinho situado no Bairro do Cimo, nos terrenos da Eira do Costa.

Quem, ao fazer a visita, se demorou pelo bairro do Cimo, pôde apreciar o aglomerado de casas de pedra, muito juntas, quase todas unidas umas às outras, algumas servidas por estreitíssimas ruas muito típicas. Uma das ruas do Bairro do Cimo é a Rua do Rego que ganhou esse nome, porque ali, outrora, seguia um rego de água a céu aberto, dividindo a rua em três partes quase iguais, sendo uma delas o próprio rego. Outra rua é a Rua da Lapa. Calçetada até há pouco tempo com o piso original, a Rua da Lapa é uma das mais interessantes de toda a aldeia. As suas casas, quase todas com a pedra à vista, estão encostadas ao morro de modo que, em certos casos, uma das paredes é a própria encosta. Por ali, há um ribeirão que corre, vindo dos terrenos das Tapadas e da Ladeira, e, na vertente da margem esquerda do ribeiro, há um moinho que já não é utilizado por não haver quem cultive cereais e há terrenos cultivados onde as hortas frescas embelezam a paisagem e a tornam ainda mais semelhante à Lapa dos primeiros tempos.

Ainda ali perto, na margem direita do ribeiro, no topo de umas escadas, ao lado da casa onde outrora D. Dinis atribuiu o nome da nossa aldeia, há uma estatueta de gatinho moderno, elegantemente composto por bolas de granito, lisas e macias, trazidas da ribeira, conjugadas com verguinhas⁸ de ferro, que faz as delícias de quem passa por ali. Chamam-lhe o Lapinhas, em homenagem à rua onde se encontra, por ser ali o Berço da Lapa.

⁸ Verguinha é o termo usado na Lapa para se referirem às varas de ferro.



Figura 20 – O Lapinhas, na Rua da Lapa.

Quem, no Largo D. Dinis, optou por seguir para a direita, pôde apreciar as ruas estreitas que saem do Terreiro da Neta e uma paisagem fascinante, diferente de todas as outras, que se pode apreciar da Eirinha em direção aos terrenos verdejantes da Cal, da Mestra ou mesmo do Junqueiro e das Vinhas. Seguindo as ruas estreitas que existem ali naquelas imediações, é possível encontrar algumas casas antigas, numa linha muito diferente das que se encontram na Rua da Lapa. É outra forma de beleza. Circundando atrás das casas do Largo D. Dinis e completando o círculo, volta-se ao mesmo lugar.



Figura 21 – Casas antigas de granito.